

História, biografia e nação na Argentina no início do século XX: Sarmiento lido por Ricardo Rojas

History, biography and nation in early 19th century Argentina:
Sarmiento read by Ricardo Rojas

Fabio Muruci dos Santos

Professor adjunto
Universidade Federal do Espírito Santo
fmuruci@yahoo.com.br
Avenida Fernando Ferrari, 514 - Goiabeiras
29075-910 - Vitória - ES
Brasil

Resumo

A escrita de biografias e autobiografias é uma parte importante da historiografia argentina. No século XIX, elas procuravam apresentar a vida e as virtudes de potenciais candidatos à liderança nacional, conectando-os a uma experiência histórica diferente daquela dos *caudillos* e *montoneras*. Porém, é notável nessas narrativas as sérias dificuldades enfrentadas pelos intelectuais argentinos em formular uma narrativa histórica que pudesse conciliar os universos da cidade e do *pampa*. Historiadores nacionalistas do século XX, como Ricardo Rojas, assumiram esse projeto, produzindo biografias de "grandes homens" da história argentina que tivessem sintetizado e harmonizado em si mesmos os elementos em conflito da história nacional. Este artigo procura discutir a biografia de Domingo Sarmiento, *El profeta de la pampa*, examinando as estratégias usadas por Rojas para mostrar Sarmiento como um homem representativo, que traz em si elementos indígenas, gaúchos e *criollos*.

116

Palavras-chave

Historiografia; Historiografia hispano-americana; Biografia.

Abstract

The writing of biographies and autobiographies is an important part of Argentinean historiography. In the nineteenth century, they sought to present the life and virtues of potential candidates for national leadership, connecting them to a historical experience different from that of the *caudillos* and *montoneras*. However, it is remarkable in these works some of the hard difficulties faced by the Argentinean intellectuals to formulate an historical narrative which could conciliate the universes of the cities and the *pampas*. Twentieth century nationalist historians such as Ricardo Rojas embraced this project, producing biographies of "great men" of Argentinean history who synthesized and harmonized in themselves the conflicting elements of national history. This article discusses the biography of Domingo Sarmiento, *El profeta de la pampa*, examining the strategies used by Rojas to show Sarmiento as a representative man who brings in himself indigenous, *gaucho* and *criollo* components.

Keywords

Historiography; Spanish American historiography; Biography.

Enviado em: 12/7/2011

Aprovado em: 29/8/2011

As primeiras tentativas de narrar a história da nação na Argentina de meados do século XIX enfrentaram diversos problemas. Em um contexto de conflito político intenso, a construção de uma genealogia histórica que encontrasse a origem remota da identidade nacional se apresentava como um desafio extremamente difícil para os letrados da região platina, especialmente durante o longo regime de Juan Manuel de Rosas (1829-1852). Aliados do poder político e, em sua maioria, precocemente exilados do país, os letrados que vieram a ser conhecidos como "Generación de 1837" desenvolveram uma reflexão sobre a história e o futuro do país permeada de tensões, geradas pelo choque entre seus projetos de organização nacional e a realidade de seu tempo. Como aponta Elias José Palti, escritores como Domingo Sarmiento, Estebán Echeverría e Juan Baustista Alberdi oscilavam entre, por um lado, uma abordagem historicista que buscava desvelar a singularidade da história nacional e, por outro, uma perspectiva universalista que inserisse a experiência local em uma história maior do progresso humano. Mas sua percepção era que a experiência local dificilmente era compatível com essa história maior. Extremamente pessimistas sobre a capacidade das populações platinas, especialmente indígenas e gaúchas, de formarem uma comunidade cívica moderna e participativa, esses letrados duvidavam igualmente de que elas poderiam servir como personagens de uma história nacional que satisfizesse as exigências de integração do país na modernidade ocidental. A ausência de um material histórico adequado para preencher os requisitos de uma genealogia da nação causou um significativo atraso no desenvolvimento da narrativa e da pesquisa histórica na Argentina, mesmo em comparação com outros países latino-americanos (PALTÍ 1996).

A visão dessas elites sobre o passado da região foi amplamente influenciada pela oposição entre "civilização" e "barbárie" desenvolvida por Domingo Sarmiento, representação de um universo geográfico e humano irremediavelmente fraturado: conflito permanente entre cidade e campo; populações de gaúchos e indígenas nômades e dispersas, incapazes de desenvolver instituições estáveis e respeito pela autoridade; líderes regionais personalistas e agressivos, empenhados em rejeitar a influência civilizadora do Ocidente moderno. Na perspectiva sarmientina, a formação histórica local não havia desenvolvido condições para a edificação da desejada unidade nacional. Como tal, a narrativa histórica só poderia oferecer mais um diagnóstico desse insucesso e não uma trajetória coerente que ligasse passado e presente. Um dos resultados desse diagnóstico foi a percepção do momento da independência como um processo traumático e originário, que rompe com o passado e deixa um "vazio" de matéria histórica, carente de bases para a genealogia da nação (BOTANA 1997).

Como consequência dessa visão pessimista, as narrativas históricas argentinas investiram tardiamente no desenvolvimento de categorias de origem romântica como "povo" e "espírito nacional". Os projetos para uma "nação no deserto argentino" frequentemente se direcionaram para políticas de imigração europeia em massa, intervenções militares para conter, ou mesmo exterminar,

as populações migrantes e planos de educação com teor nacionalista e cívico, especialmente no caso de Sarmiento. Em todos esses casos, a “nação” era assumida como uma obra da ação de elites ilustradas agindo a partir do Estado. Somente com o fortalecimento progressivo, embora conflituoso, do Estado nacional é que visões de uma história nacional mais contínua e coerente começaram a aparecer, especialmente a partir da obra de Bartolomé Mitre.

O esforço em compor a genealogia da nação argentina ganhou mais ênfase no novo contexto das primeiras décadas do século XX, quando o crescimento econômico e o fim dos conflitos regionais estimularam uma abordagem diferente da “questão nacional”. Historiadores com origens e perspectivas diferentes apontaram um novo quadro da vida do país, onde os temas clássicos da fragmentação e do vazio começam a ser revistos. Com a sistemática ação militar sobre as populações rurais nas décadas anteriores, a ameaça do campo deixou de ser percebida como o maior perigo à unidade nacional. Os novos temas que emergem no debate sobre a unidade nacional incluem a revalorização do papel do interior na formação do caráter argentino, o problema das massas de imigrantes urbanos que estariam ameaçando a língua e as tradições locais e a crítica ao centralismo de Buenos Aires (BERTONI 2001). Uma nova preocupação com a genealogia da nação atrai historiadores do período como Ricardo Rojas e Leopoldo Lugones, ambos de origem interiorana. O papel dos caudilhos, indígenas e gaúchos passa a ser revalorizado como parte da crítica contra a visão centralista das elites portenhas. Em seus projetos para reescrever a história da nação, o tema da conciliação nacional ganha destaque (SVAMPA 2006).

No contexto das comemorações pelo centenário da independência, em 1910, Rojas publicou uma proposta de reforma educacional, *La Restauración Nacionalista*, que enfatizava o papel educador, moral e cívico, dos estudos históricos. Sua preocupação imediata era o efeito da presença de imigrantes sobre a unidade nacional argentina. Temia o efeito que a má compreensão do espanhol, a difusão de símbolos nacionais estrangeiros e a entrada de militantes anarquistas e socialistas teriam sobre a identidade do país. Como resposta a estes males, defendeu o estudo da história nacional, a disseminação de estátuas dos heróis da pátria (junto com a proibição de monumentos de heróis estrangeiros) e a criação de institutos de pesquisa do folclore. O período das lutas pela independência deveria receber maior espaço nos currículos da educação básica porque era o momento decisivo de revelação da nação e de seus principais heróis. Mas a valorização desse período teria que passar por toda uma revisão das explicações produzidas no século XIX.

Um primeiro passo fundamental para esta revisão foi o questionamento dos princípios básicos da interpretação sarmientina, entre eles o conflito entre campo e cidade durante o processo de independência, refutado por Rojas desde seus primeiros escritos:

Esa barbarie, tan calumniada por los historiadores, fué el más genuino fruto de nuestro territorio y de nuestro carácter. La montonera no fué sino el ejército de la independencia luchando en el interior; y casi todos los caudillos que la capitaneaban habían hecho su aprendizaje en la guerra contra los realistas. Había más afinidades entre Rosas y su pampa o entre Facundo y su montaña, que entre el señor Rivadavia o el señor García y el país que querían gobernar. La Barbarie, siendo gaucha, y puesto que iba a caballo, era más argentina, era más nuestra. Ella no había pensado en entregar la soberanía del país a una dinastía europea. Por lo contrario, la defendió. Su obra sangrienta fué el complemento indispensable de la Revolución, pues elaboró con sangre argentina el concepto del gobierno y de la nacionalidad, dando base más sólida a la obra de los constituyentes (ROJAS 1922, p. 135).

Mais do que apenas rever os cânones vigentes da historiografia argentina, Rojas desejava redefinir o papel da própria narrativa histórica no fortalecimento da identidade nacional. Considerava a história nacional como um instrumento fundamental de coesão e autorreconhecimento em um contexto de maciça presença de imigrantes estrangeiros. Caberia ao ensino da história o papel de conectar os argentinos com seu passado, valores cívicos e personagens notáveis. A inclinação da historiografia moderna para a objetividade científica não deveria resultar no desprezo pelas capacidades da história de oferecer educação moral, especialmente para os jovens: "La Historia, en la enseñanza sobre todo, tiene una gran influencia como disciplina moral; tiene la influencia del ejemplo" (ROJAS 1922, p. 48). Da mesma forma, o privilégio dado ao estudo da história dos grandes coletivos a partir do Enciclopedismo não deveria afastar o interesse pelo conhecimento dos homens exemplares do passado, que ofereciam o melhor instrumento para a educação moral.

As narrativas biográficas têm papel de destaque em seus planos de reorganização da pesquisa e do ensino de história na Argentina. O gênero vinha perdendo espaço na historiografia europeia desde meados do século XIX diante da emergência da história social influenciada por positivistas e darwinistas. A antiga historiografia dos "heróis" parecia um gênero superado e anacrônico para muitos (DOSSE 2009). Mas o debate sobre a relação dos "grandes homens" com a história e sobre o papel das elites virtuosas na política suscitava vívidos debates. A figura do "príncipe" conquistador havia sido duramente criticada pela Ilustração do século XVIII e aparecia como inadequada para época de ascensão da democracia. No lugar do conquistador, benfeitores da humanidade, homens com virtudes cívicas compatíveis com os valores do homem comum, embora com talentos notáveis, eram tidos como mais adequados para os tempos modernos. No século XIX, porém, muitas teorias sobre o papel dos indivíduos excepcionais na história e na política foram produzidas. A preocupação com modelos seletivos de governo que contivessem a democracia de massa foi um dos principais estímulos para a difusão do conceito de "grande homem". Dentre as diversas concepções desse personagem, uma das mais difundidas foi o destaque de seu caráter "exemplar", um ser grandioso porque representativo de uma época ou povo e não um tirano superior e/ou indiferente ao homem comum. Portador de uma missão, seu poder deveria terminar junto com a realização de seu destino (GÉRARD 1998).

O “grande homem” também atuava como figura síntese da nação, assimilando e harmonizando elementos em conflito. Definir um panteão dos grandes homens muitas vezes era uma forma de canonizar certo conjunto de valores a partir dos quais a nação deveria ser educada, além de permitir diversos processos conciliatórios da memória nacional. No momento em que a história dos coletivos cada vez mais se identifica com a história da nação, os grandes homens passam a ser estudados e justificados por sua contribuição para a realização do destino da pátria (OLIVEIRA 2010). A figura do “grande homem” era uma forma de conciliar a história coletiva gerada pela era revolucionária com as preocupações políticas de liberais de perfil mais aristocrático. Assim, permitia também a conciliação de dois gêneros de narrativa histórica que pareciam fadados ao aniquilamento mútuo.

A já citada problemática relação entre elites letradas e história tornou a Argentina um lugar propício para o desenvolvimento dessas questões. Ali, a escrita de biografias e autobiografias já tinha certa tradição na época de Rojas, em parte fruto das condições de produção do conhecimento histórico na região. Tanto Sarmiento (*Recuerdos de Provincia*) quanto Alberdi (*Autobiografía; Palabras de un ausente*) escreveram importantes trabalhos autobiográficos e alguns estudos biográficos. Mitre ganhou fama como historiador com uma *Vida de Belgrano*. O gênero oferecia alguns recursos interessantes para o trabalho com as realidades conflituosas enfrentadas por esses intelectuais. Diante do papel limitado dos personagens coletivos nas narrativas históricas da nação, pelas razões já comentadas, a biografia aparecia como um meio de forjar a figura de homens “exemplares”, que pudessem fornecer modelos de unidade e conduta que o “povo” não oferecia. Ao selecionar certos personagens e contextos, estas narrativas incluem aqueles potencialmente mais aptos para participar de um pacto fundador que instaure a comunidade política ordenada, raiz do futuro Estado, ao mesmo tempo em que exclui elementos considerados como intrinsecamente instáveis, irracionais e desordenados. Uma das funções da escrita nesse contexto é, exatamente, o ordenamento de um universo social que parece incompreensível e caótico (RAMOS 1989).

Diante da situação de exílio em que muitos desses letrados trabalharam durante boa parte de suas vidas, a autobiografia aparecia como gênero particularmente interessante para explorar o drama e a promessa de homens virtuosos que encarnavam o futuro da nação. Dessa posição de excluídos, elaboraram diferentes representações de si mesmos para divulgar as particularidades de sua trajetória pessoal, idiosincrasias, formação cultural e visão política. O personagem apresentado nessas narrativas podia promover os diferentes perfis políticos cultivados por cada autor, desde aquele destinado por suas origens para ser o líder necessário até o sábio sem vocação para a política prática, mas com habilidade crítica e visionária superior. A condição de exilados, porém, não influenciava suas visões de si apenas do ponto de vista da propaganda política. O exílio era mais profundo pois abrangia a distância destes líderes em potencial da nação a qual eles deveriam supostamente representar

e exprimir, tarefa difícil diante do desinteresse do mundo dos caudilhos e gaúchos pelo saber dos letrados. Cenas de incomunicabilidade entre os jovens intelectuais e os senhores da guerra são dramatizadas nessas narrativas. Incapazes de se ver como parte de uma totalidade nacional, os letrados transformavam suas autobiografias numa busca, às vezes angustiada, de caminhos de inserção em uma história nacional possível, diferente daquela dos *caudillos* e *montoneras*.

Em países recentemente autonomizados, um dos grandes desafios para a formulação de ícones nacionais é mostrá-los como representativos de uma história contínua, que ligue o passado colonial com a nova situação. Nesse caso, a narrativa autobiográfica também constitui parte da genealogia da nação já que o indivíduo traz consigo as marcas de uma história coletiva, é agente de uma possível continuidade no trabalho das gerações. Como figura representativa, conecta, em sua trajetória, passado e presente. Os exilados argentinos também buscaram se apresentar como articuladores entre as eras da nação, mas produziram uma genealogia inevitavelmente parcial e altamente seletiva, narrativa restrita às partes da experiência nacional cuja virtude tinha caráter exemplar em potencial. *Recuerdos de Provincia*, por exemplo, pode ser lido como uma tentativa de Sarmiento de apresentar a si mesmo como uma alternativa de liderança ao regime rosista e aos caudilhos, em grande parte possível por sua origem e formação dentro de uma história radicalmente diferente da deles (ALTAMIRANO; SARLO 1997).

121

Segundo a análise de Elias Palti, Sarmiento procurou estabelecer em sua autobiografia uma genealogia para ele mesmo que o conectasse com um passado nacional diferente daquele que havia gerado o fenômeno do caudilhismo. Sua origem estaria no ambiente das pequenas cidades do interior, representadas na narrativa pela San Juan natal do próprio Sarmiento. Inspirado pela vida política municipal que observou em sua viagem aos Estados Unidos em 1847, Sarmiento descreveu a pequena cidade pampiana como um ambiente singular, não dominado nem pela "tirania" nem pela "anarquia" que se alastravam pelo "deserto". A sociedade local teria desenvolvido, no período colonial, um nível considerável de cultura e virtude cívica, com um sentido de comunidade e integração que a atomizada sociedade dos gaúchos desconhecia. Clérigos ilustrados cultivavam as letras e a educação. O movimento de independência estimulou ainda mais esse espírito na forma da virtude republicana, o que forneceria o modelo exemplar de cultura política para Sarmiento. Este pequeno mundo ofereceria um passado mais adequado para fundamentar uma genealogia da nação baseada na virtude e ilustração. Mas a forma destrutiva com que o Antigo Regime caiu, abriu caminho para o acirramento dos conflitos que haviam permanecido latentes anteriormente, causando a destruição da aristocracia colonial que poderia ter guiado o país para a nova situação. Novos personagens precisariam retomar essa história, sendo que, diante do quadro de conflito acirrado e desordem dos personagens coletivos, a preeminência caberá aos líderes ilustrados, aos "grandes homens"

de virtude. Em suas leituras juvenis, Sarmiento havia se encantado com os heróis e legisladores da Antiguidade que lutavam contra a tirania. Para encontrar esses valores em seu mundo, traça uma série de curtos perfis biográficos das personalidades dessa virtuosa aristocracia regional perdida e reconstitui uma genealogia privada que mostra sua conexão com ela pela descendência materna. A seguir, descreve cuidadosamente seus esforços educacionais, amplamente direcionados para o estudo dos clássicos da história política como Cícero. Segundo Palti, esta narrativa procurava construir uma genealogia possível para a nação que não fora alcançada na análise empreendida no *Facundo* (PALTÍ 2009). Origem familiar e formação educacional seriam qualificações que o tornariam um candidato a líder da futura Argentina unificada. Sua genealogia individual caminha passo a passo com uma história recuperada da nação e uma promessa de futuro que a ultrapassa:

Aquí termina la historia colonial, llamaré así, de mi familia. Lo que sigue es la transición lenta y penosa de un modo de ser a otro; la vida de la República naciente, la lucha de los partidos, la guerra civil, la proscripción y el destierro. A la historia de la familia se sucede, como teatro de acción y atmósfera, la historia de la patria. A mi progenie, me sucedo yo; y creo que, siguiendo mis huellas, como las de cualquier otro en aquel camino, puede el curioso detener su consideración en los acontecimientos que forman el paisaje común, accidentes del terreno que de todos es conocido, objetos de interés general, y para cuyo examen mis apuntes *biográficos*, sin valor por sí mismos, servirán de pretexto y de vínculo, pues que en mi vida tan destituida, tan contrariada, y sin embargo tan perseverante en la aspiración de un no sé qué elevado y noble, me parece ver retratarse esta pobre América del Sur, agitándose en su nada, haciendo esfuerzos supremos por desplegar las alas, y lacerándose a cada tentativa contra los hierros de la jaula que la retiene encadenada (SARMIENTO 1916, p. 201, grifo do autor).

122

Apesar desses esforços, estas narrativas frequentemente exacerbam o mal-estar com a nação real, dando expressão às complexas relações desses letrados com o passado. Elas acabam assumindo muito do caráter de narrativas utópicas da nação desejada. Como aponta Rodriguez Persico, os discursos autobiográfico e utópico se alimentaram mutuamente na Argentina oitocentista pois procuravam oferecer, através das vidas individuais, perspectivas para um futuro feliz que a história coletiva parecia não garantir. As lutas coletivas são narradas a partir da oposição entre os indivíduos excepcionais que representam cada universo (RODRIGUEZ PERSICO 1993). A genealogia sarmientina se apresenta como parte de uma história, em confronto com aquela que gerou os caudilhos. Rosas seria fruto da "barbárie" rural, Sarmiento seria filho da "virtude" da cidade, nenhum dos dois conseguindo sintetizar uma narrativa totalizadora da nação. Cada história produz seus "homens representativos", o que estabelece um quadro de conflito entre duas trajetórias nacionais que lutam pela destruição uma da outra. A versão sarmientina justifica si a mesma como sendo a única capaz de integrar a história local com o progresso universal. Porém, não é capaz de

oferecer uma promessa de inclusão para aqueles que são irremediavelmente parte da barbárie. A dificuldade de fornecer uma perspectiva totalizadora fazia com que os exilados buscassem, em suas narrativas autobiográficas, fios de conexão com algum aspecto ou experiência particularmente promissora para exercer o papel de raiz de uma nação possível, que satisfizesse as expectativas utópicas ao preço da destruição de uma história bárbara e atrasada. Cada “grande homem” só poderia representar o seu universo particular. Uma narrativa que conciliasse o indivíduo exemplar com a totalidade da nação da qual ele deveria ser expressão só seria tentada posteriormente.

Um dos propósitos da narrativa biográfica, para Rojas, era exatamente conciliar os elementos conflituosos da história local na figura de indivíduos exemplares e representativos da nação. O estudo das grandes personalidades visaria essencialmente à educação moral. Para dar apoio a suas ideias, cita entusiasticamente a seguinte passagem de Ernest Lavisse, que havia elaborado um projeto de reforma educacional na França que serviu de inspiração para Rojas:

El Profesor de Historia tiene, pues, el derecho de ser un moralista: *tiene hasta el deber de serlo*. Evitará dogmatizar, el declamar, el predicar, pero se detendrá ante las gentes honestas cuando las encuentre a su paso. Se extenderá sobre la caridad de un San Vicente de Paúl y economizará en los detalles de las campañas de Luis XIV el tiempo que necesite para hacer amar las personas de Corneille, de Molière, de Turenne, de Vauban. Deberá elogiar las acciones virtuosas y los hombres de bien (ROJAS 1922, p. 48-49, grifo na fonte).

123

Rojas criticava o abandono da história dos “heróis” pelo Enciclopedismo do século XVIII em favor da “tragedia de innumerables protagonistas” (ROJAS 1922, p. 29). Contra esta visão materialista, defendia que a história tem valor educativo, embora não propriamente na linha da *historia magistra vitae*. Defensor de um historicismo de tendências nacionalistas, não acreditava que grandes heróis tivessem uma mensagem universal para oferecer, mas apenas no âmbito nacional em que atuaram. Somente os grandes artistas e pensadores poderiam superar seu contexto nacional. Nesse sentido, as biografias dos heróis nacionais seriam ainda mais necessárias porque elas se direcionavam especificamente para os povos do qual fizeram parte, não tendo interesse equivalente para outras nações. Sua perspectiva não era a da valorização sobre-humana de grandes líderes militares ou políticos capazes de fazer a história com as próprias mãos. Estava mais próximo da historiografia dos “grandes homens”, a qual considerava o herói como personagem síntese de uma época ou nação, representativo dos diversos elementos do momento em que viveu.

A partir dessas considerações, desenvolveu um primeiro projeto desse tipo em sua biografia de San Martín, *El santo de la espada* (1933), bastante popular na Argentina de meados do século XX. Ali, Rojas refutava as biografias que mostravam San Martín como líder alienado da nação e defendia a raiz

essencialmente pampiana do Libertador. Desde sua origem com traços indígenas até suas técnicas militares impregnadas de elementos gaúchos, San Martín seria o exemplo mais pleno de líder que reuniu em si todos os constituintes da nação sob a liderança do espírito *criollo*, da civilização europeia transformada pela terra e pela história singular da região do rio da Prata (SANTOS 2009).

Seu segundo projeto biográfico de fôlego foi apresentar uma versão revisionista da vida de Domingo Sarmiento, *El profeta de la pampa* (1945). O debate sobre o significado da obra e da vida de Sarmiento já era, em si mesmo, uma tradição argentina naquela altura. Por décadas, Sarmiento forneceu, para diversas gerações de intelectuais argentinos, um campo de debates para os problemas de cada momento, onde suas categorias eram retrabalhadas no contexto das últimas mudanças ideológicas. A discussão sobre o papel do *Facundo* na criação da literatura nacional e as razões para sua inclusão ou não no cânone literário nacional também oscilavam de acordo com a vida ideológica do país (GOODDRICH 1996).

Uma biografia de Sarmiento poderia se apresentar como um objetivo tentador, já que permitiria a integração dos dois procedimentos que Rojas vinha adotando em sua carreira: uma narrativa de conciliação das forças coletivas da história argentina e o exame de uma figura individual com grande papel nos rumos da nação. A vida de San Martín havia se prestado exemplarmente para esse objetivo, mas o mesmo não seria tão certo no caso de Sarmiento. No caso de San Martín, Rojas teve que refutar os críticos que apontavam o "Libertador" como um líder afastado de sua nação e reintegrar sua figura com a terra e a população do pampa. No caso de Sarmiento, ele mesmo, Rojas, era o principal crítico das interpretações sarmientinas da história nacional. Além disso, uma das principais versões da vida de Sarmiento a ser revisada era a do próprio Sarmiento, *Recuerdos de Provincia*. Essa situação complexa torna *El profeta de la pampa* menos realizado como narrativa mítica de conciliação nacional do que *El santo de la espada* embora mais pleno de tensões significativas.

Rojas começa esta segunda biografia com o mesmo clamor que fizera na anterior em favor de uma leitura mais objetiva e equilibrada do personagem do que seria comum na historiografia da época:

Hay un Sarmiento para las escuelas, otro para las apoteosis oficiales, otro para la erudición monográfica, otro para la polémica sectaria; pero hoy necesitamos un Sarmiento vivo, total y para todos. Buscamos en él lo universal, sin ocultar defectos y errores, porque su grandeza es tan firme que la crítica no lo disminuye (ROJAS 1962, p. VIII).

Em sua revisão, Rojas transfere o tema da fragmentação nacional analisado no *Facundo* para o próprio Sarmiento. A fragmentação dominaria a mente de Sarmiento, dividida entre as influências da terra e as ideias absorvidas da Europa. Sua estratégia então será reconhecer e denunciar as divisões como reais, mas desnecessárias, propondo que há uma unidade maior

e mais profunda na vida de Sarmiento a despeito dele mesmo. Também seguindo procedimento já usado em seu livro sobre San Martín, Rojas se apresenta como alguém em situação propícia para entender e encontrar a unidade de seu herói, negada por muitos: "En Sarmiento, el indio y el español coexisten y pelean; mas como el español y el indio se han reconciliado en mí, yo he podido entenderlo en sus desarmonías y compadecerlo en su dolor " (ROJAS 1962, p. XII).

A reconciliação citada na passagem é possível porque Rojas propõe um ângulo diferente para narrar a história da região platina, projeto exposto em um de seus primeiros livros, *Blasón de plata* (1910). Ali, explora um quadro de princípios deterministas sobre o poder do solo na definição dos caracteres nacionais. Os aspectos telúricos seriam os mais decisivos para explicar a transformação de um povo em uma entidade unificada na medida em que seus componentes compartilham condições comuns de desenvolvimento. Apesar das referências constantes às origens raciais de seus biografados, a influência da terra aparece claramente como fator prioritário no pensamento de Rojas. As condições determinadas pelo ambiente moldariam progressivamente as "raças" povoadoras, homogeneizando-as até formarem uma nação. Sendo uma região de história recente, a Argentina ainda estaria completando seu perfil como nação. Sendo produto da fusão de europeus e indígenas, com a predominância do primeiro grupo, o país não deveria perder sua singularidade copiando modelos externos, como teriam proposto as elites modernizadoras do século XIX. O privilégio do fator ambiental sobre o racial era importante para justificar a relação hierárquica entre os grupos raciais componentes da nação, já que índios e gaúchos teriam contribuído com elementos culturais particulares de cada grupo para uma síntese em que a influência da cultura europeia presente nos *criollos* claramente predomina (DELANEY 2002).

Neste livro, Rojas questiona a precisão das análises históricas de Sarmiento no *Facundo*, propondo que o pampa foi, na verdade, ocupado por populações indígenas sedentárias, que teriam aceitado de bom grado a ação educativa das missões evangelizadoras. As tribos mais rebeldes e violentas viveriam em regiões mais distantes e isoladas, com pouco contato com os espanhóis. Seriam populações minoritárias, não representativas da região pampiana como um todo. Seguindo alguns aspectos da abordagem mitrista, defende um tipo de "excepcionalismo" platino, o qual funciona como elemento de conexão entre os diversos momentos da história local (SANTOS 2010). A inexistência de impérios indígenas ricos e hierárquicos, como os do México e Peru, que impunham pesado fardo sobre suas populações, seria um aspecto positivo, pois teria evitado a formação de castas raciais, facilitando algum grau de miscigenação cultural entre espanhóis e índios. Por gerações, os *criollos* teriam escutado narrativas indígenas desde a infância e absorvido parte da sensibilidade indígena. A relativa pobreza da região do rio da Prata seria propícia para experimentos democráticos rudimentares, que amadureceram nas lutas de independência. Isto seria visível na forma como o ambiente e os costumes do pampa moldaram os hábitos de

vestir, montar e guerrear da própria elite *criolla* que liderou as lutas de independência. A singularidade do contexto local delimitou boa parte da personalidade da futura nação.

Sarmiento seria fruto dessa sociedade mais flexível e aberta às influências do ambiente pampiano. Contra este fundo, se tornariam visíveis as aparentes clivagens de sua mente bem como sua unidade fundamental mais profunda:

A este primer tema, que llamaremos del acorde telúrico, síguete otro, que llamaremos del acorde racial, porque Sarmiento es un prototipo de criollo, en quien cuaja la estirpe ibérica tras varias generaciones de asimilación a la tierra americana (ROJAS 1962, p. XI-XII).

Apesar de sua pregação em favor de uma história objetiva, as intenções míticas de Rojas se tornam evidentes em passagens como a acima citada. Já no início, Sarmiento é apresentado, em oposição a sua representação autobiográfica, como um "modelo" acabado do *criollo*, integração do solo, da raça e da história. Um "grande homem" que incorpora e harmoniza as diversas forças da nação. Para transformar esta vocação em um potencial mito das origens, Rojas explora alguns indícios de influência indígena em sua história pessoal, embora afirme que este tópico é controverso entre os biógrafos anteriores. Segundo seu próprio testemunho autobiográfico, Sarmiento costumava ter visões de "seres fantásticos" em sua infância. Em outros momentos de sua vida, teria vivenciado premonições, visões e sonhos com frequência. Porém, contra aqueles que o consideravam louco, Rojas afirma que este comportamento era fruto de sua descendência dos índios huarpes habitantes da região, conquistados no período colonial e posteriormente extintos. Seguindo o vocabulário cientificista em voga, considera tais manifestações como uma sobrevivência da "mente pré-histórica". No esforço de aproximar Sarmiento desta herança indígena, Rojas força uma tentativa de revisão um tanto superficial, citando mais de uma vez uma curta passagem da produção tardia de seu biografado para sugerir que ele reconhecia a importância histórica dos índios locais: "[...] ninguno de sus glosadores recuerda que Sarmiento dijo: '[...] Los indios son nuestros padres pre-históricos' " (ROJAS 1962, p. XI). Evidência pouco significativa diante de inúmeras outras passagens que poderiam ser citadas com sentido contrário.

Em uma estratégia curiosa, Rojas propõe que as mesmas raízes indígenas que ligariam Sarmiento à história coletiva dos pampas são também aquelas que lhe deram uma personalidade "visionária", tendente aos delírios de imaginação que iriam turvar seu entendimento da realidade local: "En realidad, era un hombre de sensibilidad esotérica, como la de un brujo huarpe, y muchas de sus aventuras provinieron de evidencias irrazonadas" (ROJAS 1962, p. 5). Teria passado a infância ouvindo lendas da índia Ña Cleme, formando sua sensibilidade a partir delas. Os clérigos locais o ajudaram a combater essa inclinação: "Cuidábase don José de expurgar mi tierno espíritu de toda preocupación dañina, y las candelillas, los duendes y las ánimas desaparecieron

después de largas dudas y aun resistencias de mi parte” (SARMIENTO 1916, p. 66). Rojas propõe que não foram bem sucedidos nesse objetivo, pois os delírios deixaram marcas indeléveis em sua personalidade. Apresenta um Sarmiento cercado de fantasmas e alucinações, crente em um ‘duende tutelar’ que lhe indicava os caminhos na vida e na política. Sem negar o potencial visionário das ideias políticas sarmientinas, considera que suas concepções foram bastante afetadas por uma mente demasiadamente imaginativa: “Sus verdades son subjetivas, estados de alma, alucinación y visión” (ROJAS 1962, p. 207).

Explorando ao máximo este recurso biográfico, Rojas sustenta que muito das ilusões de Sarmiento sobre o pampa e sobre si mesmo seriam produto de experiências biográficas. Os temas do deserto e do exílio, fundamentais nas autobiografias dessa geração como anteriormente comentado, são retomados com outras implicações:

Hay, en efecto, una neurosis de los destierros, en la cual se mezcla la nostalgia de la patria perdida, los pequeños disgustos diarios que irritan al proscrito, y las esperanzas de un porvenir mejor; extraña mezcla de melancolía romántica, de pesimismo realista y de heroica alucinación, que conduce la sensibilidad a una tensión morbosa y la mente a razonamientos sistematizados, como en un delirio (ROJAS 1962, p. 206).

127

Apesar de pouco desenvolvidas, estas conexões têm grande efeito na narrativa como um todo. O perfil simultaneamente visionário e delirante da personalidade de Sarmiento o torna um líder apto para profetizar o futuro da Argentina, mas o transforma, igualmente, em uma vítima fácil das ilusões que dominam a vida política nacional do período. Nesse ponto, Rojas inicia um segundo movimento de sua estratégia revisionista, buscando caracterizar a identidade gaúcha de Sarmiento e as ilusões que o impedem de percebê-la. Propõe uma versão em que a trajetória pessoal sarmientina e a história dos caudilhos teriam uma relação muito mais íntima do que o próprio Sarmiento acreditava. Para isso, começa criticando a historiografia argentina por ter reproduzido acriticamente o vocabulário da época, o qual expressaria muito menos as realidades da vida política do momento do que se costumava crer. Conceitos aparentemente importantes como “federalismo” e “unitarismo” não passariam de artefatos retóricos de resultado nefasto, porque dividiram a nação em forças empenhadas em uma luta sangrenta, quando o solo, a raça e a história de fato as uniam:

Las campañas habían vivido en paz [...]. En esos ranchos habitaban gauchos ingenuos, honrados, trabajadores. El alzamiento partió de las ciudades: militares, clérigos y doctores fueron los que salieron de ellas a incendiar los pajonales del desierto y a hacer levas de jinetes para sus quimeras políticas. ¿Unitarios y federales? No era cierto eso. ¿Alzamiento de las campañas contra las ciudades? Tampoco era cierto eso.

La ingeniosa fórmula de “civilización y barbarie” – de momentánea eficacia polémica – fundábase en un sofisma al afirmar que la guerra civil se originó en un alzamiento gaucho, y contenía el error de haber dejado en pie el lema de “unitarios y federales”, que Rosas explotaba. En la nueva fórmula, el partido de la civilización vino a ser el de los llamados “unitarios”, y el de la barbarie el de los llamados “federales”, con lo que esas dos viejas palabras

continuaron extraviando la discusión en las mentes fanatizadas. A consecuencia de ello, Sarmiento calificó de gaucho a Rosas, que no era gaucho ni federal [...] (ROJAS 1962, p. 206).

O próprio Sarmiento teria sido vítima dessas ilusões ideológicas ao adotar o unitarismo contra toda a sua formação federal da juventude. Ainda mais decisivo, essas abstrações estariam na origem da prejudicial distinção entre “civilização” e “barbárie”, a qual transformaria as escaramuças políticas do período em uma suposta divisão essencial da nação. Este quadro de oposição entre as determinações profundas da terra e a superficialidade das escolas ideológicas propicia a Rojas uma redefinição das relações entre os diversos personagens da nação. Ao trabalhar com a dicotomia entre “civilização” e “barbárie”, Sarmiento localizava a si mesmo no lado oposto ao do universo dos caudilhos e *montoneras*, considerando Rosas como a expressão deste último. Rojas redistribui essa configuração. Começa negando que as cidades sejam a única fonte civilizadora da região platina. Membro da intelectualidade de origem provincial, Rojas atacava a preponderância de Buenos Aires nos assuntos nacionais, desproporcional, ao seu ver, com a real importância econômica da capital:

En el estado de nuestro país, los campos son asiento de civilización, por su trabajo esforzado que mantiene a las ciudades, por la salud moral de los que en ellos viven, y porque sus paisajes y tradiciones inspiran nuestro arte naciente, en tanto que las ciudades son parásitos de la burocracia, el comercio, la sensualidad ociosa, el cosmopolitismo sin patria, la barbarie, en fin. Los términos del problema que planteó Sarmiento se han invertido (ROJAS 1962, p. 209).

128

A refutação da imagem do pampa como um deserto rasgado por populações instáveis e violentas também fora tema de *Blasón de plata*, onde havia questionado a sustentação histórica das teses que defendiam que a pacificação nacional só poderia vir das cidades. Radicalizando sua análise, propõe agora que as cidades seriam mesmo elementos estranhos à índole nacional:

[...] las ciudades de América fueron fortines de conquista, y sus puertos se transformaron luego en factorías de explotación económica, a expensas del agro y de los nativos. Centros exóticos, hostiles y “bárbaros” en su origen, puesto que eran extraños a la tierra los que venían. Sarmiento nada vió de esa verdad [...] (ROJAS 1962, p. 208).

Um traço significativo da relação difícil entre indivíduo e história coletiva nas narrativas argentinas é a constância com que as diversas leituras revisionistas estiveram focadas nas relações entre alguns indivíduos notáveis. Comparações entre Sarmiento e Rosas ocupam lugar de destaque, refletindo as alterações ideológicas de cada momento. Apesar das diversas releituras, o tema-chave é a relação nacionalismo-cosmopolitismo e as diversas posições que cada personagem ocupou nesse conflito em cada leitura. Rojas segue a mesma linha. Em mais uma virada interpretativa, procura redefinir a relação entre os dois “grandes homens”. No momento em que escreve,

diversas propostas de teor nacionalista haviam defendido os compromissos nacionalistas de Rosas, exemplificados por sua luta contra potências estrangeiras interventoras e pela defesa dos interesses provinciais. Sarmiento, ao contrário, foi apresentado como parte de uma elite europeizada, indiferente aos valores autenticamente argentinos, em uma leitura mais à direita, ou agente dos interesses do capitalismo internacional, mais à esquerda. A maioria das leituras pró-rosismo foram desenvolvidas por intelectuais de perfil autoritário-nacionalista, interessados em propor a adequação dos métodos rosistas com a índole nacional (PALTÍ 1997). Rojas, ao contrário, havia se oposto publicamente ao golpe militar de 1930 (CATTARUZZA 2007). Em meados dos anos 1940, após mais de uma década de governo autoritário, se propôs a refutar as leituras do nacionalismo autoritário que tentavam garantir um lugar para Rosas no panteão nacional. Porém, diferente de outros intérpretes anteriores de simpatias liberais, não aderiu aos valores e visão da história sarmientinos. Daí sua condição um tanto tortuosa de defensor do legado de Sarmiento contra o nacionalismo rosista.

Em primeiro lugar, seguindo os mesmos procedimentos com relação à herança indígena, busca fornecer indícios de caráter racial que mostrariam a afinidade de Sarmiento com o universo do pampa. Como filho das províncias, teria sido formado na cultura política do federalismo. Mas o trauma da guerra caudilhesca, após um ataque a sua cidade natal, o teria lançado de forma impulsiva para o lado unitário, mais um efeito de seu subjetivismo: "Sintió el empujón del destino, y echó a andar, sin saber hacia donde. Mezclóse a las guerrillas con frenesí dionisiaco, salvándose varias veces de perecer" (ROJAS 1962, p. 95). Mas Rojas destaca que pouca coisa parecia realmente dividir os combatentes, que usavam os mesmos ponchos, a mesma forma de cavalgar e possuíam o mesmo temperamento. Lutariam da mesma forma, como cavaleiros medievais em batalhas de lanças. Sarmiento era parte desse universo:

Nótese en sus confidencias cómo palpitaba en Sarmiento el temple gaucho. Su genio original era análogo al de Facundo. Estas analogías esenciales sugieren que en esa lucha había algo telúrico y fatal, más verdadero que la simple divisa o la dialéctica de los bandos (ROJAS 1962, p. 96).

Após estabelecer as identidades telúricas de Sarmiento com o pampa, Rojas segue caminho contrário para abordar Rosas. Partindo de suas origens biográficas, informa que Rosas teve origem nas elites estancieiras da província de Buenos Aires e não no pampa. Teria evitado participar das lutas de independência até o momento em que elas afetaram os privilégios de sua classe de origem. Mesmo então, sua prioridade seria a manutenção da ordem e controle das aspirações democráticas. Para isso, manipulou a relativa ingenuidade dos caudilhos regionais, jogando uns contra os outros, estimulando as vinganças e execuções que viriam a caracterizar seu governo despótico. Daí que as proclamações rosistas em favor do federalismo e dos direitos provinciais não passariam de artifícios retóricos para atrair a simpatia dos caudilhos enquanto seu regime trabalhava pelos interesses das elites portenhas.

Junto com a origem social, as características raciais também seriam decisivas para denunciar sua alienação da terra e da história local:

El Restaurador no es sino un realista sin doctrina, de horizonte intelectual limitadísimo, como el de un primitivo, lo cual no excluye la astucia del primitivo. Su acción histórica se mueve exclusivamente en el campo del instinto o de la voluntad; pero no es federal sino centralista y burócrata como los virreyes y los unitarios. Rosas no es gaucho tampoco, porque es un aristócrata feudal, un señor visigótico atávicamente redivivo hasta en su tipo germánico de hombre rubio trasplantado a la pampa con caballo y todo. Visigodo, lo es por su tipo y por su espíritu. Nadie hay en nuestra historia tan anacrónico por sus hechos y tan exótico por su raza, a pesar de las habilidades ecuestres que adquirió en sus latifundios, habilidades comunes a todo estanciero y señor feudal. Como él, los visigodos eran rubios, despóticos, fanáticos, rudos, y buenos jinetes (ROJAS 1962, p. 234).

Aqui podemos entender porque o destaque para os aspectos raciais e de classe de Rosas são fundamentais para Rojas. Inverter a polaridade da relação, tornando Rosas um representante do antinacionalismo e Sarmiento um pampiano, não resolveria o problema das múltiplas genealogias nacionais em conflito discutidas anteriormente. Eles continuariam representativos de frações da experiência nacional. Rosas tem que ser identificado como carente não só dos valores cívicos como também dos aspectos telúricos e raciais que unem a nação e que estão presentes em Sarmiento. Embora inconsciente disso, Sarmiento seria parte de uma história integral da nação, que inclui o pampa e a "civilização" europeia para ali transplantada e adaptada. Rosas estaria inteiramente fora dessa história. Ao sugerir esse quadro, Rojas propõe uma narrativa diferente da versão autobiográfica de Sarmiento. Sem negar que as origens interioranas sejam fundamentais para transformar Sarmiento em um homem representativo de certa genealogia nacional, defende que não é necessário criar uma narrativa que o exclua da história que ele teria em comum com os caudilhos. Ao contrário, essa exclusão o tornaria menos representativo da nação em sua inteireza, dificultando a consolidação de uma narrativa verdadeiramente conciliadora. Tais processos de exclusão apenas denunciariam a fragmentação da própria personalidade sarmientina. Uma narrativa biográfica que permitisse o reencontro de Sarmiento com suas origens mais profundas o tornaria verdadeiramente representativo e uma inspiração para a nação unida:

Tal es nuestro héroe: hispanoamericano del siglo XVIII, a quien la revolución de América en el siglo XIX da nuevo destino. En él se corta y se reanuda la historia. Sarmiento es simplemente un prototipo criollo del almácigo ibérico recreado en tierra americana (ROJAS 1962, p. 31).

Como figura exemplar de uma nação que não reconhece sua própria unidade essencial, Sarmiento seria também gaúcho e índio, embora predominando a identidade *criolla*, fornecendo um modelo para os futuros homens de letras americanos:

Su sensibilidad de criollo secular, identifícalo con la vida en la Colonia, dejándonos entrever que acaso una gota de sangre huarpe corre por sus venas como por las de Rubén Darío un gota de sangre chorotega, según sobre sí mismo dice el nicaragüense. Tal es nuestra América en su raíz, que es la raíz de sus genios (ROJAS 1962, p. 27).

Nestas passagens Rojas estabelece, como já fizera em textos anteriores, a hierarquia que presidirá essa narrativa de conciliação nacional. As raízes indígenas e gaúchas dos heróis nacionais fornecem elementos simbólicos importantes para garantir a representatividade deles diante da nação e encerrar através da narrativa histórica uma longa trajetória de discórdia. Mas não fica dúvida sobre a hierarquia entre as contribuições que cada elemento constituinte tem a oferecer para a grande síntese. A nação foi feita, e deve continuar sendo feita, sob a direção do espírito *criollo*, da "civilização" espanhola transformada pelo solo americano, que civiliza e democratiza o espírito aguerrido tanto das populações autóctones quanto daquelas produzidas pelos diversos tipos de miscigenação. Rojas não pretendia oferecer qualquer projeto de afirmação política para essas populações ou restauração de sua passada importância:

Cuidemos, sin embargo, de que nuestro afán moralizante no se convierta en fanatismo dogmático y nuestro nacionalismo en regresión a la bota de potro, hostilidad a lo extranjero o simple patriotería litúrgica. No preconiza el autor de este libro una restauración de las costumbres gauchas que el *progreso* suprime por necesidades políticas y económicas, sino la restauración del espíritu indígena que la *civilización* debe salvar en todos los países por razones estéticas y religiosas (ROJAS 1922, p. 199, grifos do autor).

131

Os heróis são representantes da nação, mas também fazem parte de uma história evolutiva que não hesita em deixar para trás os elementos que já se tornaram anacrônicos. A presença das populações do passado, praticamente extintas na época de Rojas, tem função simbólica em um mito das origens nacionais que permitisse conciliar a memória nacional, sem implicar em redefinições de seu papel político ou cultural no presente.

Referências bibliográficas

- ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. Una vida ejemplar: la estrategia de *Recuerdos de Provincia*. In: _____ **Ensayos argentinos:** de Sarmiento a la vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997.
- BERTONI, Lilia. **Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas:** la construcción de la nacionalidad a fines del siglo XIX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- BOTANA, Natalio. **La tradición republicana:** Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1997.

- CATTARUZZA, Alejandro. **Los usos del pasado:** la historia y la política argentinas en discusión, 1910-1945. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.
- DELANEY, Jean H. Imagining *El Ser Argentino*: cultural nationalism and romantic concepts of nationhood in early twentieth-century Argentina. **Journal of Latin American Studies**, nº 34, p. 625-658, 2002.
- DEVOTO, Fernando; PAGANO, Norma. **Historia de la historiografía argentina.** Buenos Aires: Sudamericana, 2009.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico:** escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009.
- GÉRARD, Alice. Le grand homme et la conception de l'histoire au XIXe siècle. **Romantisme**, nº 100, p. 31-48, 1998.
- GOODDRICH, Diana Sorensen. **Facundo and the construction of Argentine culture.** Austin: The University of Texas Press, 1996.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade: biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista. **Varia Historia**, vol. 26, nº 43, p. 283-298, 2010.
- PALTI, Elías José. Imaginación histórica e identidad nacional en Brasil y Argentina: un estudio comparativo. **Revista Iberoamericana**, nº. 174, p. 47-69, 1996.
- _____. Argentina en el espejo: el "pretexto" Sarmiento. **Prismas:** revista de historia intelectual, nº 1, p.13-34, 1997.
- _____. La nación como enigma: la aventura intelectual de Sarmiento. In: _____. **El momento romántico:** nación, historia y lenguajes políticos. Buenos Aires: EUDEBA, 2009.
- RAMOS, Julio. **Desencuentros de la modernidad en América Latina:** literatura y política en el siglo XIX. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- RODRIGUEZ PERSICO, Adriana. **Un huracán llamado progreso:** utopía y autobiografía en Sarmiento y Alberdi. Washington, D. C.: Secretaría General de la OEA, 1993.
- ROJAS, Ricardo. **La restauración nacionalista.** Buenos Aires: Talleres de Juan Pueyo, 1922.
- _____. **Blasón de plata.** Buenos Aires: Losada, 1946.
- _____. **El santo de la espada.** Buenos Aires: Editorial Kraft, 1961.
- _____. **El profeta de la pampa:** vida de Sarmiento. Buenos Aires: Editorial Kraft, 1962.
- SANTOS, Fabio Muruci dos. Ricardo Rojas e a construção biográfica de um herói nacional: San Martín, *el santo de la espada*. **Revista Eletrônica da Anphlac**, nº 8, p. 1-26, 2009.

_____. *Blasón de Plata* e a problemática indígena na narrativa histórica de Ricardo Rojas. **Latinidade**: revista do Núcleo de Estudos das Américas, vol. 2, nº 1, 2010, p. 53-70, 2010.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Recuerdos de Provincia**. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1916.

SVAMPA, Maristella. **El dilema argentino**: civilización o barbarie. Buenos Aires: Taurus, 2006.